

# BIBLOS

---

*Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

**2**  
**MAR**

NÚMERO 2, 2016  
3.<sup>a</sup> SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

PAUL-HORN, INA (2015).

## *Aktualität der Metapher: das Meer, die Metapher und die Sprache.*

Frankfurt am Main: Peter Lang. 249 p.

*Atualidade da metáfora: O mar, a metáfora e a linguagem*, de Ina Paul-Horn, é um recentíssimo contributo para o estudo filosófico do mar. Embora se apresente como um estudo com uma unidade temática e teórica, nomeadamente em torno do “significado da metaforologia para a filosofia”, com a intenção de “dar um contributo para a reflexão e o esclarecimento da metáfora” (p. 13), trata-se de uma reelaboração de diversos estudos da autora sobre alguns temas mais ou menos diretamente ligados à questão da metáfora em geral, e da metáfora do mar em particular. A obra começa com uma introdução sobre a metáfora do mar, seguida de três partes. A primeira parte trata da linguagem, consistindo essencialmente de dois estudos sobre o *Crátilo* de Platão e sobre a teoria do símbolo de Susanne K. Langer. A segunda parte trata do projeto de uma metaforologia de Hans Blumenberg. A terceira parte dedica-se, por fim, ao estudo filosófico da metáfora do mar, destacando-se breves capítulos sobre o mar em Kant, Hegel, Nietzsche, Simmel, concluindo com Elias Canetti e os mitos de Narciso segundo Ovídio e da Pequena Sereia de Andersen.

A parte mais aprofundada e o núcleo teórico da obra é o seu estudo da metaforologia Blumenberg, que é dividida em três fases. Estas fases correspondem a três textos do autor sobre a questão, nomeadamente *Paradigmen zu einer Metaphorologie (Paradigmas para uma metaforologia)* (1960), “Ausblick auf eine Theorie der Unbegrifflichkeit” (“Panorama de uma teoria da inconceitualidade”), publicado em *Schiffbruch mit Zuschauer (Naufrágio com espetadores)* (1979) e “Anthropologische Annäherungen an die Aktualität der Rhetorik” (“Aproximações antropológicas à atualidade da retórica”), publica-

do em *Wirklichkeiten in denen wir Leben (Realidades em que vivemos)* (1981). Encontramos aqui o desenvolvimento da teoria da metáfora absoluta como metáfora não traduzível em conceito e orientação fundamental, pré-conceitual, da consciência humana, em direção à reflexão sobre a importância do “inconceitual” para a ligação do conceito ao “mundo da vida” (p. 114) e, finalmente, a reflexão sobre a retórica como lugar do exercício metafórico. A retórica, segundo Blumenberg, vem suprir a incapacidade da metafísica de dizer algo de relevante sobre o homem, é “uma teoria do homem fora da idealidade, do homem abandonado pela evidência” (p. 137) e, assim, o meio para a criação “de instituições lá onde faltam as evidências” (p. 140). A retórica é a ação linguística que substitui a ação física no espaço intersubjetivo, constituindo uma racionalidade sustentada sobre um “princípio de razão insuficiente” (pp. 151 ss.) que permite navegar entre os escolhos da impossibilidade de uma orientação científica e de um decisionismo irracional. Este caminho é análogo à moral provisória de Descartes que, sem qualquer outra orientação segura, lhe permite no entanto sair da floresta. A metáfora, como o “elemento significante da retórica” (p. 159), é o correlato de um homem que se descobre como não possuindo uma essência definida e que tem, em consequência, de fazer o seu caminho sem um guia que o conhecimento dessa essência lhe pudesse fornecer. Segundo a autora, citando Blumenberg, a metáfora é, finalmente, “mais do que um substituto para um conceito em falta ou, em princípio, possível. É um ‘elemento projetivo’, ‘que tanto expande quanto ocupa o espaço vazio.’” (p. 161)

De modo mais sumário, o livro recupera o *Crátilo* de Platão, especialmente nas suas definições linguísticas da fluidez e do estancamento da fluidez oceânica das diferenças pela imposição do nome e do conceito, segundo uma metáfora fundamental que vai marcar muito das concepções filosóficas da linguagem desde então. O capítulo sobre Susanne K. Langer mostra como esta filósofa, oriunda de uma formação empirista e lógica, sublinha no entanto o facto de que os dados empíricos são “em primeira linha símbolos”, construídos por um processo de ideação que se traduz numa função essencialmente “formadora e abstrativa” (p. 55) e não comunicativa da linguagem. Estes “significam sempre mais do que referem” (p. 58), e a sua origem deve ser buscada em “conceptual models” de tipo metafórico.

No que mais especificamente se refere ao estudo da metáfora do mar Paul-Horn exhibe, nos diferentes autores estudados, em primeiro lugar, a definição do mar a partir da sua profundidade como expressão da “ausência de fundo da nossa existência” (p. 167). Em Kant, o oceano é o lugar da ilusão e, por isso, a navegação do entendimento é feita sempre à vista da costa, da terra firme. Pelo contrário, em Hegel encontramos já o elogio do mar como expressão da ligação entre os homens, da infinidade, da indústria e da superação do homem que se lança num meio cujo perigo e dureza reside paradoxalmente na sua aparente serenidade e ausência de resistência. O mar é, para a geofilosofia de Hegel, lugar da história e do espírito que se descobre a si, ou seja, do verdadeiro infinito entendido como “estar em si mesmo no seu outro, ou o processo de, no outro, chegar até si próprio” (p. 177). Como mediador universal, vamos encontrar ainda o mar enquanto representante do dinheiro em Simmel, o sem forma que tudo igualiza, a fluidez e a liquidez essencial ao tráfico capitalista, “assustador destruidor das formas” (p. 212). Mas também o super-homem de Nietzsche é expresso como “um mar”. Neste contexto, a autora propõe um “olhar pós-metafísico sobre o mar”, olhar que “implica que não podemos alijar, mas temos nós próprios de assumir a responsabilidade pelo ilimitado e pelos limites” (p. 205). O mar é também, por fim, o lugar das transformações e do devir, como Proteu, capaz de assumir todas as formas. É metáfora do nascimento, e também do ‘eu’ que se transpõe para o outro, numa superfície de projeção que é a chave do encontro erótico. Ele é o “símbolo fascinante do inconsciente, do seu poder tentador e insondável” (p. 18).

Além do tratamento algo sumário de alguns dos temas e de alguma ausência de verdadeira problematização filosófica, e apesar do esforço de unidade temática, o livro deixa transparecer que se trata de uma recolha de textos cuja articulação num todo nem sempre é bem conseguida. No entanto, a originalidade do tema, e a correção com que a generalidade dos tópicos são tratados fazem desta *Atualidade da metáfora: O mar, a metáfora e a linguagem* de Ina Paul-Horn um trabalho de indiscutível interesse filosófico.

DIOGO FERRER

*dferrer@fl.uc.pt*

*Faculdade de Letras e Colégio das Artes da Universidade de Coimbra*